

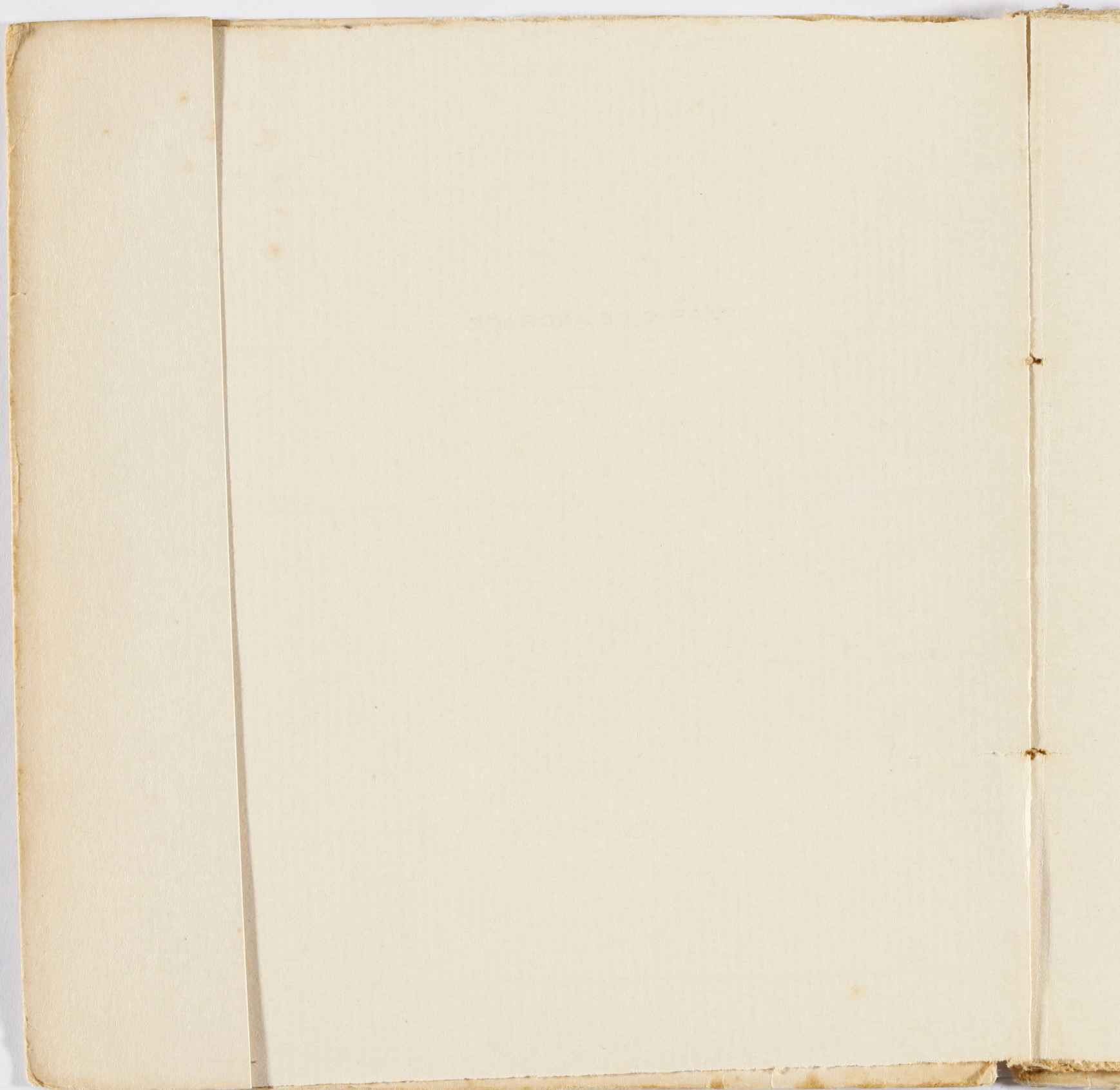
ALBERTO RAMOS

O Livro Dos Epigrammas

EDIÇÕES PAN

9149

L



MARIO DE ANDRADE

<i>A</i>	<i>II</i>
<i>b</i>	<i>√7</i>

**O Livro Dos
Epigrammas**

DO MESMO AUTOR :

VERSOS PROIBIDOS (1898)

ODE DO CAMPEONATO (1902)

ODE A SANTOS DUMONT (1903)

ODES (1902-1909)

O ULTIMO CANTO DO FAUNO (1913)

ELEGIAS E EPIGRAMMAS (1919)

LE CHANT DE BIENVENUE POUR LE ROI (1920)

CANTO DO CENTENARIO (1920)

TRADUCÇÃO :

POEMAS DO MAR DO NORTE, DE HEINE (1894)

A SEGUIR :

SEGUNDO LIVRO DOS EPIGRAMMAS

ALBERTO RAMOS

O Livro Dos Epigrammas

EDIÇÕES PAN

1462

MA
869.9149
R175L

Do **Livro Dos Epigrammas**

foram tirados cincoenta exemplares

em papel Hollanda, nume-

rados de 1 a 50

MENSAGEM

Ide onde o amor vos leva, ide onde o amor vos manda,
Epigrammas, correi ao regaço de Armanda.
A graça ide pedir aos olhos de Leticia,
Aos de Laura a innocencia, aos de Lola a malicia,
(Não veneno e perfidia!) e na bocca mais linda,
Ebrios sugai o mel dos labios de Lucinda.

Mas de uma que sabeis, de uma que não nomeio,
Ide beijar-lhe a fronte e pousar-lhe no seio,
E pedir-lhe perdão, e si assim for preciso

Morrer por um olhar, morrer por um sorriso.

Epigrammas de Alberto Ramos

2

X *CURSO DE DECLAMAÇÃO*

Grita Irene e braceja, horrenda e trepidante.
Que ha? Que succede, pythoniza nefasta?
Nada! Irene declama. Ao demonio a pedante!
Meu verso vale pelo que vale, e basta.

3

A INDECISA

Hontem não, hoje talvez,
Um sorriso, uma promessa...
Anda, dize *sim!* depressa,
Lydia, ou passa a tua vez!

8

4

O EXPURGO

Da excrescencia verbal Fabio expurga a sua obra.
— Pois si tudo lhe tira, que lhe sobra?

5

O MESTRE

Reveremo-lo todos quantos somos!
É Fabio autor de tomo! — Não! De tomos!

9

PEPE

Pepe o palacio tem mais lindo da Avenida,
Onde reina a opulencia ao gosto reunida.
E Pepe como fez aquella formosura?
— De ouro, de execração, de rapina e de usura.

O BOM JUIZ

X

Viva Deus! És um grande juiz, Amaro!
Si não és o maior, és o mais caro!

O GALLO

Fogo! Olé do terreiro! Incendio! Incendio! Alérta!
Que estropicio! O' de casa, acudi, brava gente!
Fóra os cascos, villão! Dorminhoco, desperta!
Nasce o sol! Presto, amigo! ao labor diligente!

Irra! como se dorme! E a cantar, sina minha!
Se me vai o éstro e a voz! O' da torre, collega!
Antes ser como tu fantoche e ventoinha
Que proclamar o dia a gente surda e céga!

DEGENERESCENCIA

Carino, teu avô viveu de bater sóla
E teu pai remendão seguiu a mesma escola.
Tu versejas, Carino! É pena, indigno herdeiro!
Perde o Brasil talvez um grande sapateiro.

A FAMA

És positivamente uma celebridade!
Só se fala de ti nesta grande cidade,
Nas aguas da bahia e nos morros entorno.
És um gajo de fama! És um famoso corno!

11

PARNASO BRASILEIRO

De tonico e tintura este vate usa e abusa.
Não ha filtro capaz de redourar-lhe a Musa !

12

O CINEMA

O cinema é prazer que não me abala.
Não acho nelle o goso que procuro.
O melhor do programma está na sala
E justamente a sala está no escuro.

13

O BANQUETE

Um banquete offerecem-lhe, que praga !
— E elle quem é ? — Pudera ! Elle é quem paga !

O CANDIDATO

A' porta da Academia
Chega o candidato e mia,
Sobraçando um capadinho
Do tamanho do mendinho.
«Entrai, diz-lhe a companhia.
Valeis pelo que miais !
O capadinho é de mais».

O TEMPO É O PRESENTE

De que valem, querido, as lagrimas que chores?
Confia, espera e crê! Virão dias melhores!...

Ah mocidade! O tempo é o presente! O minuto
Voa em que respirei a vida no seu fructo
E já das mãos me foge a taça mal segura
E vacillam meus pés beirando a sepultura.

A VERTIGEM

És, Fulgencio, falando, homem sizudo.
Mas si pégas da penna, infortunado,
Põe-se-te o juizo a arder, baralhas tudo,
Investes furioso, allucinado.
Num segundo percorres o orbe immenso,
Acommettes o proximo e o remoto,
A syntaxe atropelas e o bom senso.
Não causa tanto damno um terremoto

ONOFRE

Quarenta predios tens na capital.
 Mas a tua miseria, Onofre, é tal,
 Tão profunda, tão sordida, tão rasa,
 Que, tendo tantas casas, não tens casa.

Ah, sim ! tens, esquecia-me o hospital !

CATURRA

X

Me dá ! — Dá-me ! — Me dá !, digo eu ! — Erra, imbecil !
 — Bruto ! érro em Portugal, acérto no Brasil !

MODESTIA E VAIDADE

O mundo acclama o Excelso, o Sublime, o Divino !
E ao peso do louvor, Mem faz-se pequenino.
O' modestia ! ó virtude ! ó grande e honrado Mem !
Pois me quereis modesto, acclamai-me tambem !

A UM PAMPHLETARIO

Os velhacos e os máus, juiz inclemente,
Zurzes com a penna rábida e ferina.
Só não falas de ti ! Pois francamente,
Perdes o thema da melhor verrina !

O POETASTRO

Lembras, vate mofino, o villão que na estrada
Manquejando persegue um pequenino insecto.
Foge e remonta aos céos a falena dourada,
E o que nas mãos lhe fica é cinza e visgo abjecto.

PANEGYRICO

Pois que duvida, Osorio! Tens talento!
És illustre, não négo! És sabio, admitto!
Até (si um cú merdoso e flatulento
É bonito) confesso que és bonito!

23

O TESTEMUNHO

30 annos tem Laurinda. — Attesto que é verdade
Pois ha vinte que lhe ouço attribuir-se esta idade.

24

CICERO

Cicero, á noite, bebedo notorio,
Bebe! E de dia assiste no pretorio.
E contra a intemperança alli troveja,
Arrotando justiça com cerveja.

20

25

O DEMAGOGO

Vociferando atroas o Senado.
Juras que a patria salvarás da crise,
Demosthenes de um corno ! Malsinado !
E de ti quem nos salva, enxundia, dize !

26

HELIO

Helio, escrevendo, cita, cita, cita...
Epigrammas, correi-me o parasita !

21

OCTAVIO

Quando Octavio declama *Os olhos de Zulmira*,
Toda a sala em delirio acclama o sacripanta.
Que és mofino poeta, Octavio, não admira.
Que haja um tolo maior que te admire é o que espanta!

RESPOSTA A UM MERCIEIRO

Que é justiça? A justiça que vem perto?
A justiça de Deus? Optimo França!
A justiça divina é o preço certo
E peso igual nas conchas da balança.

O ATTENTADO

O' da guarda! soccorro! Assassnam na estrada!
 Soccorro! Acudam! — Que ha? — Soccorro, camarada!
 E' a visinha que escorcha (horror! chacina!)
 Weber, Wagner, Mozart! Prende a assassina!

EPITAPHIO X

A terra aqui de um justo os ossos cobre.
 Foi ministro de Estado e morreu pobre.

DUCES

I

Quereis ditar a lei, reger o povo.
Trapeis na fronte excelsa um novo signo,
Uma nova esperança, um crêdo novo?
Dizei! Sois o melhor? sois o mais digno?

E não vos treme o passo em tanta altura!
Histriões! Impostores! Impostura!

II

Queres vencer, e és moço, és nobre, és puro,
E um generoso ardor teu peito inflamma,
E confias, e esperas no futuro.
Nescio ! Queres vencer ? Desce na lama !
Grunhe, porco, com os porcos no monturo !

III

Dos povos, das nações disputais o commando.
Amai ! Não se governa odiando, mas amando !

O FUMANTE

De immenso quebra-queixo infecto e réles
Baforadas de grosso fumo expelles,
Terroso, fedorento, suffocante.
Imaginas talvez que é de elegante?
O ar empestas, nojento mameluco!
Fóra o tição! abaixo esse trabuco!

UM DOS TAES

És de facto uma gloria genuina!
 És um portento! És um dos Immortaes,
 És um dos Pais da Patria; és um dos taes
 Farçantes que nos levam á ruina.

A SENTENÇA ✕

Condemna o jury austero o homem que rouba um côco.
 E condemna porque? — Por ter roubado pouco.

35

O CRITICO

Uma joia, poeta, o teu soneto !
Elogia-lo em publico prometto.
A proposito, de uns vintens careço...
— Não ! O elogio é caro por tal preço !

36

MATHIAS

É pouco, mas é meu, e meu nome é illibado.
O que é teu não é teu, Mathias, é roubado !

O MILAGRE

Lauro era um pobretão faminto e roto.
Não herdou, não ganhou e hoje é nababo.
Foi milagre sem duvida, maroto?
Salta, epigramma! Põe-lhe fogo ao rabo!

MARTIALIS

A todos se dá toda e sem vergonha Lais.
Mas dar a todos tudo é vergonha demais!

A DENUNCIA

Um certo Osorio, é fama, insulta o deus e a Musa.
De altos chifres ornada a dura testa obtusa,
Horrendo, o pello hirsuto, a lyra a tiracolo,
Atrevido percorre os dominios de Apollo,
Bode intruso, imitando o Fauno da floresta
Quando ao cahir da tarde ao mysterio se apresta,
(Ou, quiçá, bem ou mal, o que imitar-lhe póde,
Nos chifres fauno, em summa, e no sobejo bode),
Espalhando em redor uns gazes e uns fedores
E com a voz assustando as nymphas e os pastores.

Apollo ! Deus potente ! Appareilha o teu raio !
Corre-me este impostor ! Zurze-me este lacaio !

FOLHA CORRIDA

Conheço-te, Conrado, a folha inteira.
Eras hontem um João Ninguem, Conrado,
Hoje és conde mui limpo e mui honrado
Depois daquella grossa maroteira.

AULOGELIO

Aulogelio os clientes assassina
Mais com os escriptos que com a medicina.

DISCORDANCIAS

Não me entende esta gente, ao que estou vendo,
Immersa nos prazeres dos sentidos.
Nem eu a entendo, misera ! E si entendo,
Melhor é andar assim desentendidos.

PROFISSIONAL BEAUTY

Que lindas côres tem ! Soberba criatura !
Só lhe falta o letreiro : «Atelier de Pintura».

44

BARRETADA

Tiro-lhe o meu sombreiro humildemente !
Commendador, permitta-me que o cumprimente !
Cumprimento o maior dos imbecis
Que, depois de Cabral, pisou estes Brasis !

45

G. A.

Grato aos deuses resoa o teu nome acclamado.
A Musa diz : Gilberto ! A Gloria applaude : Amado !

33

46

O CENSOR

As mulheres maldizes penitente,
Felicio. És casto? Não! és impotente.

47

O MENTIROSO

Põe os dedos em cruz Belmiro e jura,
Si conta um caso, que é verdade pura!
Confiança inspira verdadeiramente!
Ora, a verdade é que Belmiro mente.

PROMETHEU

Deuses ! Rio-me de vós ! Prostrado,
(Não vencido !), padeço desterrado,
Preso, immovel, jungido no granito.
Mas o meu pensamento enche o infinito.

O PRESENTE

Um volume offereço-lhe, permite,
Excellencia ? — Hum ! De que ? — De dynamite !

O CONSELHO

Choras porque nasceste ; por um grillo
Choras ; levas chorando a vida inteira ;
Choras por isto, choras por aquillo ;
Não és um poeta, és uma carpideira !

De que te queixas ? Olha-te no espelho !
Mas eu bem sei a causa do teu choro,
Tu choras por chorar ! Toma um conselho .
Vai para Portugal, lá fazes côro !

IN MEMORIAM

Regestes o Parnaso a palmatoria.
Mestre! fizestes obra meritoria!
Choram por vós as Musas de astro em astro.
Folga entanto o imbecil, folga o poetastro.

ANTINOMIA

Chama-se Bello o feio e Manso é féro;
É Valente um poltrão, cretino é Homero.
Justo é iniquo, Amoroso vive de odio.
Não se confiem cousas a Custodio.

O NEGACEIRO

Queres porque não queres. Porque queres,
Não queres! Negaceiro, não me illudo!
Fazes como as mulheres,
Felix! Nada querendo, queres tudo!

SOLUS ERIS

Galga os cimos azues! Busca os ermos alpestres!
Alto e só! Não ha escolas, filho, ha mestres!

55

O PARIA

Eu nada sou na patria, está bem visto.
É que quando chegou a minha vez
Encontrei já por cá, senhores disto,
O bacharel, o frade e o portuguez.

56

MAL DE ORIGEM

A terra é boa positivamente,
Pero amigo! O ruim foi a semente.

JETTATURA

De espiritos maléficos agente
És, ao que anda rosnando toda a gente,
Xisto ! Ai ! Quem me mandou dizer tal nome !
Não sei que ardor nas tripas me consome !
Dei um geito e fiquei de perna torta,
Santo Deus, bate-me um credor á porta !...
Despega-te de mim, tinhoso ! Ajuda !
Mulher ! Queima na casa urtiga e arruda !

ALZIRA

Andando, Alzira, nédia e semi-nua,
Mexe e remexe as nádegas na rua.
Pois Alzira, será de grande dama
Mostrar na rua como faz na cama !

PORFIRIO

Dizem que és falso e vil, chamam-te Judas !
Eu, a tua firmesa é que me espanta.
A verdade, Porfirio, é que não mudas.
Porfirio ! és sempre o mesmo sacripanta !

Abner Mourão ??

A A. M.

Meu nome, caro Abnér, não anda nas gazetas
Nem do escriba mendaz na lisonja importuna.
Minha musa desdenha a fama das trombetas ;
Contente vive obscura e ri-se da fortuna.

Do meu proprio labor em mim mesmo me ufano.
Meu louro natural nasce no cimo alpestre,
Por caminhos, Abnér, vedados ao profano.
Mas que louro immortal vale o louvor do mestre ?

A CILADA

Grato encontro! Um soneto aqui tenho comigo ...
—Livra, adeus!—Que destino?—O opposto ao teu, amigo!

SORTE NO JOGO

O dinheiro do luxo e da folia
Diz que o ganha na cobra Rosalia.
Segismundo, tua mulher te engana!
Num feio macacão é que é, magana!

SYLVANINHA

Teu corpo é como o oásis do deserto
Onde a palma sussurra ao vento incerto
E rumorejam frondes e nascentes.
Como o oásis florido, alva Sylvana,
Onde passa de dia a caravana
Dos risos e das graças innocentes
E onde á noite os desejos uivam, feras,
Brutas leoas, lubricas pantheras.

*O CRUZADO**I*

Para salvar a patria em pandarecos
Sai de dentro da caixa de bonecos
Barata! E desbarata o mundo inteiro
Com a espada que arrancou do paliteiro.

II

És positivamente o homem dos teus escriptos.
Si um dia te distraís, carregam-te os mosquitos.

III

De tão leve cavalga uma fagulha.
De tão escasso,
Entra pelo buraco de uma agulha,
E sobra espaço.

THOMÉ

Dois vícios tens, Thomé, taras funestas .
Falas muito e, falando, a gente empestas !
Toma um conselho, evita o peor dos males ;
Si não queres feder, Thomé, não fales.

UM ALMOFADINHA

De alvaiade e carmim besunta a cara,
Os cabellos lustrosos almiscara
E vai para o Alvear e para o Lamas
Fazer, á noite, concorrência ás damas.

AMBIÇÃO

Tens cargos e honras, bolsa e dispensa repleta,
E cubiças o louro do poeta ?
Tens as graças que a terra aos melhores recusa,
Mas é graça do ceu, Filinto, a Musa !

CAVE CANEM

Cão ! mordeis, senador ? Perro ! os deuses te damnem !
Tu, Musa, põe-lhe á testa o aviso : *Cave Canem* !

BRASILEIRA, PATRICIA!

Brasileira, patricia ! tenho pena
De ver-te dar ouvido á labia ensossa
Desse pintalegrete de melena.
Penso, e tremo por ti, formosa moça !

No Brasil penso, penso no futuro,
Mães ! na sorte que aguarda os vossos filhos,
Os perigos e os males conjecturo,
Si vingar esta raça de casquilhos,

De badamecos, tolos e incapazes,
Besuntados, lustrosos, coloridos,
Mais meninas, em summa, que rapazes,
E muito mais mulheres que maridos.

CONGEDO

Vosso gesto servil, vosso zelo aparente,
Esse rosto estudado, essa face mentida,
Todo esse jogo, enfim, deixa-me indifferente;
Cansado e satisfeito abandono a partida.

Amigos vos despeço, amigos e cuidados,
Socios e amigos meus (mais amigos da sorte!).
Não sois urnas de amor, sois sepulcros caídos
Onde alveja sinistra a visagem da morte.

O PANICO

A sala estava cheia como um ovo.
Entenda-se, de gente, não de povo!
Fiscavam luzes, colos, diamantes;
Mulheres, com os maridos e os amantes,
Chilreavam felizes no intervallo
De uma cousa qualquer de Leoncavallo.

Estava alli todo o marechalato
Da rapina, do dolo e peculato ;
Finos milhafres, tubarões sinistros,
Diplomatas, banqueiros e ministros.
Eis senão quando (o panico imagine!)
Um gaiato gritou: Viva Lenine!

VERGONHA

Vergonha, Mestre João Ribeiro, amigo,
Sobre estes tempos duros e homens duros,
Calamistrados, como usam comigo!
Appello para os seculos futuros!

Mas que digo e de que me queixo, eu louco,
Si tu, Mestre, alto engenho, assiduo estudo
Arte e saber, te valem de tão pouco!
E nada tem quem devera ter tudo.

CARLOS

Lá póde alguém rivalisar contigo !
Carlos, és o Poeta, o mimo, a gema
Dos poetas indigenas! Que digo !
Tu não és um poeta, és um poema!

O EPIGRAMMA

Arte breve e terrível do epigramma,
Aborrece-te o parvo, o sabio te ama.

DA ANTHOLOGIA GREGA

Tens lagrimas na voz, suspiros, preces,
Tudo mostras de zelo e de paixão.
Mas si te digo : « Toma-me ! » esmoreces,
Prégas os olhos tímidos no chão ;

Muda-se em gelo o fogo vehemente,
Pelas faces escorre-te o suor ;
Pallido, immovel ficas... Francamente
Para um amante falta-te o melhor !

A PUDICA

Os olhos baixa, vergonhosa e nua,
Elvira, si lhe offende o ouvido delicado
No instante do prazer uma palavra crua.
Elvira é casta mesmo no peccado.

O MILLIONARIO

O dinheiro mil cousas, Aniceto,
Dá: boas roupas, vinhos de Borgonha,
Charutos finos e outras mais. Excepto
Duas: uma é saúde, outra é vergonha.

OSORIO

Mestre Osorio o epigramma é cousa breve e alada!
 Tu, pedante, o teu verso é giboso e massudo.
 Em pouco digo muito, em muito dizes nada.
 Si digo: « Osorio é um asno! » digo tudo.

A FARPA

Pedes-me um epigramma? Si te agrada!
 Porque não, bravo Acurcio? Acurcio toma!
 Leva-o nos chifres como uma farpa dourada!
 Serás o bicho mais enfeitado de Roma.

AQUARELLA

O quadro finge os restos de uma orgia.
Doces, fructas, champanhe, gelo e rosas ;
No chão cahida, uma ampoula vasia.
E perto, no divan profundo, as duas,
Como ^{duas} colombras amorosas,
Abraçadas, adormecidas nuas.

SOBRE UM TUMULO

Era gloria e delicia do seu povo.
Este o apostolo foi do Brasil novo !
Teu grande coração aqui repousa,
Olavo. Como a vida é pouca cousa !

PROFISSÃO DE FÉ

Minha fé que te importa, e minha casta ?
Eu dos vossos não sou, é quanto basta.

O SEGREDO

Tenho um nó na garganta ! um cravo ! um osso !
Uma trave, miserrimo, um segredo !
Onde o sepultarei ? Dentro de um poço !
Optimo ! Ahí vai (chiton !) : Cesar tem medo !

MISSA DE 7.º DIA

Finda a missa, os abraços chovem rente,
No pai, no irmão, no filho ou no parente,
Que sai dalli moido, amofinado,
Invejando o descanso do finado !

CANDIDA

Dizem que os homens Candida detesta.
Não creio ! O nariz grego, a larga testa,
Essas olheiras, esses labios grossos
Não ! Não me engano ! Candida é dos nossos.

O EQUIVOCO

Finges que não me vês,
Passas por mim correndo, Henrique, ás cégas,
Tonto ! Pensas talvez
Que é teu pai, preto velho que renegas.

CARIDADE

Pedes para a viuvez, para a orphandade,
Para escolas, igrejas, hospitaes,
Para albergues nocturnos e outros mais ;
És a maior pedinte da cidade.
Fazes com a bolsa alheia caridade.
Triumphas nas catastrophes totaes ;
És unica em calamidades taes,
Mas tu mesma és a peor calamidade !
Quem é caritativo, o bem pratica
Por si ! Não atormenta a gente rica,
Não azucrina os mais, crentes e atheus.
Não clama, não persegue, não amola.
Dá sem alarde. Assim agrada a Deus.
Mas é que tu não dás, pedes esmola !

NACIONALISMO

Restauremos o indígena no estylo !
É preciso dize-lo e repeti-lo !
Dante, Camões e os mais de Grecia e Roma
Cada qual escreveu no proprio idioma
Cousas grandes, sublimes, inspiradas.
Pois façamos o mesmo, camaradas !
O promode, o vancê, o aspois, com a bréca !
É da fala da gente ! Viva o Jéca !
Viva a roça ! Eu por mim vou ás de cabo,
Indio sou, por Tupan ! Disso me gabo !
Minha musa é tapuia e não se vexa
De andar nua no matto de arco e flecha.

O PATRIOTA

De amor da patria tens a bocca cheia.
Roncas patriotismo a legua e meia !
Nos comicios, na Camara, Mamede,
O teu patriotismo sua e fede.
Olha ! Si amas a patria realmente,
Si essa bella rhetorica não mente,
Si o teu patriotismo não é phrase,
Como o nosso Rondon sublime faze.
Mamede ! vai para o sertão ! Com isso
Prestas a todos o melhor serviço.

Severiano
A S. Regenda

Severiano, amigo ! o tempo é duro !
Quem ouve ainda a voz da grande lyra
No tumulto da corja que delira ?
A patria jaz prostrada num monturo.

Assim Roma, afogada em ouro e lama,
A tunica do Imperio profanava.
E Valerio Marcial á turba ignava,
Rindo, lançava o dardo do epigramma.

IMPORTANCIA

Passas por mim magnifico, importante,
Sem ver-me, Afranio, e sem ligar-me apreço.
Não me conheces? Pois eu te conheço,
És um refinadissimo tratante.

PREFERENCIA

Não frequento, confesso, os chás dançantes.
As cocottes são mais interessantes.

ARETINO

Meu nome escamoteias da gazeta,
Aretino vilissimo, peseta !
Imaginas acaso,
Insecto, escamoteiar-me do Parnaso ?

ORGULHO

Pegaso brasileiro ! Na corrida
Louca, lancei-lhe o arção e puz-lhe a brida.

A SIRIGAITA

Mostra Laura impudica perna e seio.
Menina! o precioso é o que se esconde
Ou se mostra escondido de onde em onde.
O bonito commum torna-se feio!
Esses descaramentos aborreço,
Laurita! O muito visto perde o preço.

O DEFEITO

És bonito, Praxedes, não contesto.
És amavel, obsequioso, honesto.
Porque fogem de ti os mais, Praxedes?
É que tens um defeito horrivel. Fedes!

LAR FELIZ

Lar feliz! par feliz! Ditosa estancia!
Deu-lhe a fortuna o corno da abundancia.

O AMPHITRYÃO

Que és fidalgo de polpa ninguém néga.
Tens cosinha excellente e optima adéga ;
Mas, finda a refeição, lê's versos teus.
Não me appetite a sobremeza ! Adeus !

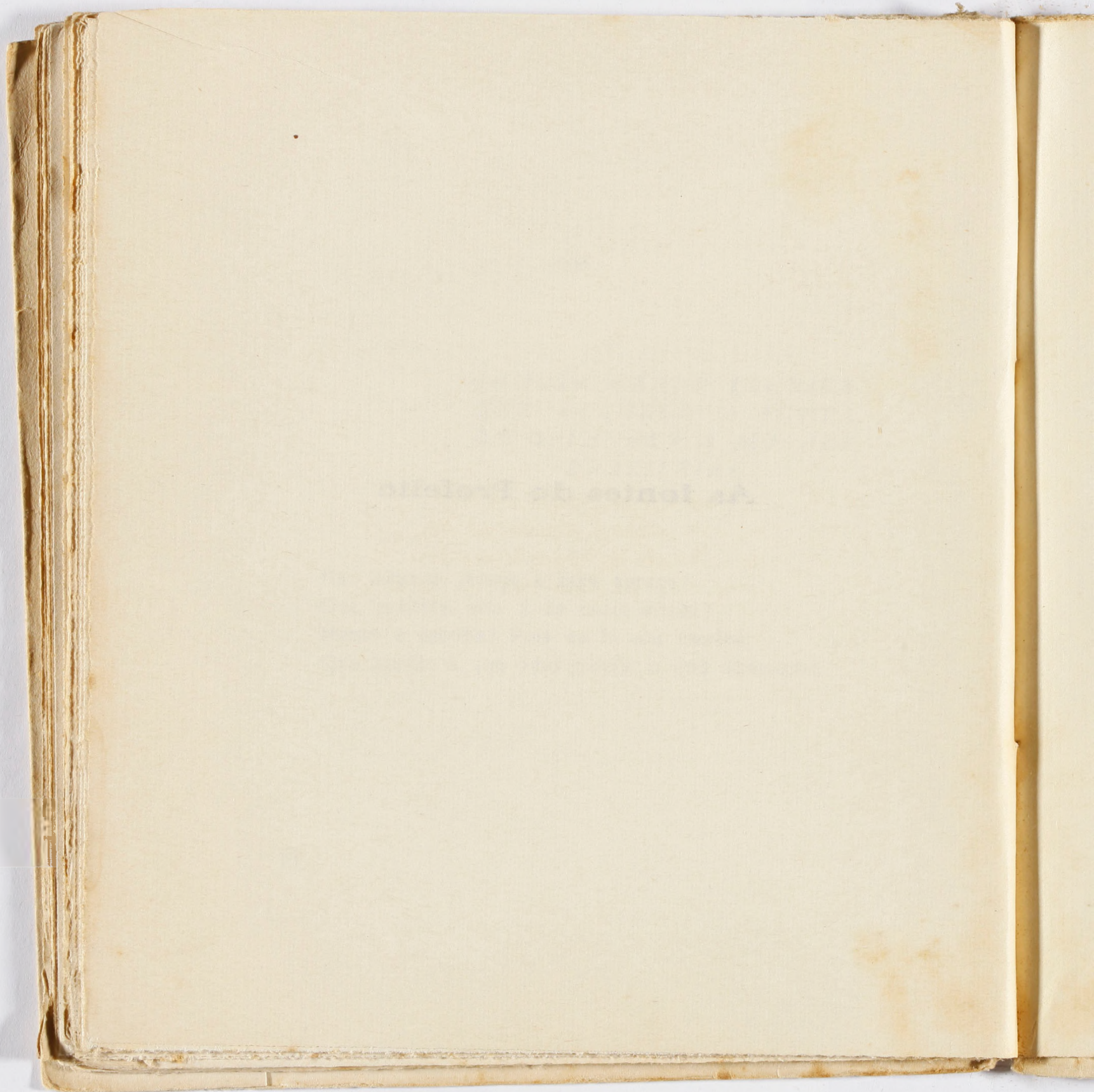
A BEATA

Comeste quando moça os bons boccados.
Hoje purgas, Lucilia, os teus peccados
Com rezas, ladainhas, padrenossos.
A carne ao demo, e Deus que roa os ossos !

*CONTRA CERTO ESCRIBA
QUE ACCUSOU O POETA
DE OFFENDER A MULHER
BRASILEIRA*

Eu, faltar-te jamais o meu apreço!
Ora, patricia, esta é de costa arriba!
Mente o escriba! Pois eu lá sou escriba,
Que insulte o que amo e beije o que aborreço!

As fontes do Prefeito



I

Fonte perenne de beleza é a vida !
Burguez ! carioca ! cidadão amado,
Bebe ! O Prefeito Passos te convida,
Morto, eis-me em fonte viva transformado !

II

Pára! Um momento deixa esse ar absorto,
Macambuzio, preocupado e sério.
Bebe! E pensa que ainda depois de morto
Passos te dá contento e refrigerio!

III

Como o suor te escorre pela testa!
Amigo! o sol caustica, o vento cresta.
Bebe, anda! E vai dizer a toda a gente
Que a fortuna pertence ao diligente!

IV

Cáspite! A areia queima como brasa!
Amigo, a estrada é larga e longe a casa.
Bebe um gole á saude do Prefeito!
Agora vai contente e satisfeito.

V

Ouve o que diz a fonte á beira-mar :
Bebe a gosto! E' de dar e de tomar!

VI

Que canceira! Que vida! — E que madraço!
Bebe e avia-te! Faze como eu faço!
A fonte imita, que cantando corre,
E nunca pára, e quando pára, morre!

VII

Comadres, é beber-lhe e andar ! Com a bréca !
Vai o caldo entornar ! Nada de séca !

VIII

Alto! Attende! Entre as arvores escuras,
Alli perto acharás o que procuras!
Isto é fonte assejada e de respeito.
Allivia-te alhures. Bom proveito!

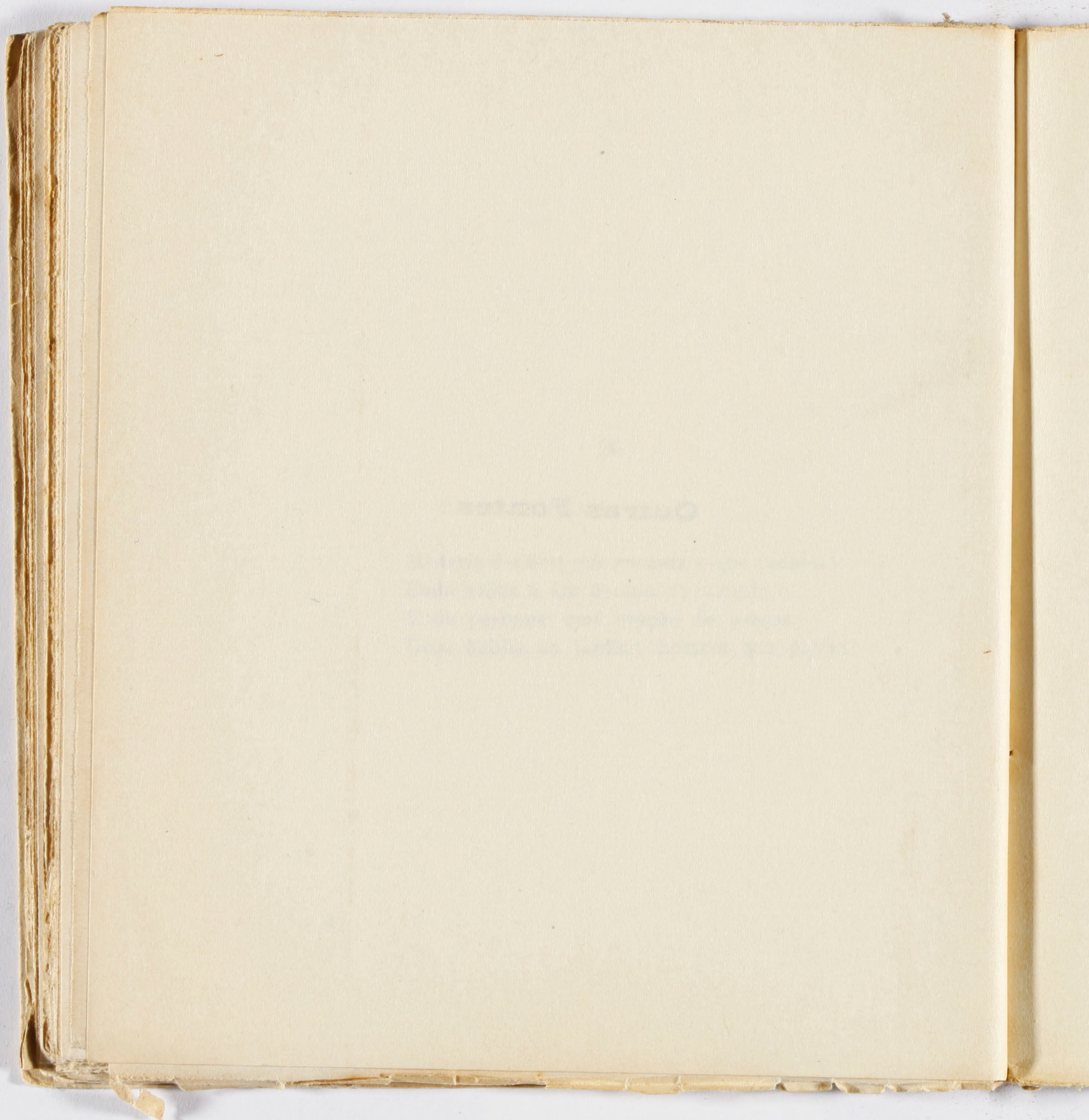
IX

Não aqui ! Não aqui ! Cuidado ! Ha risco !
Olha a contravenção ! Treme do fisco !
Escarneces da lei ! Chi ! Lá vem réga !
Jardineiro de um corno ! Péga ! péga !

X

Misterio é a flor, que encanta e que inebria !
Cada calice é um hymno de alegria,
Cada perfume uma oração de graças.
Deus habita os jardins, homem que passas !

Outras Fontes



FONTE DO LEGISTA

Bebe e cala! Sou fonte e agua corrente.
Meu tenue fio corre de mansinho,
Limpido, socegado, transparente.
Não me turves, cauidico! Adeusinho!

FONTE DO FRADE

Bebe! Sou de agorinha! Vinho velho,
Agua nova! E' preceito de evangelho.

FONTE DO POETA

Si a inspiração te foge (e o sizo !) acaso,
Poeta ! bebe um gole, a Musa invoca !
Sou fonte brasileira e carioca,
Mais sabida e melhor que a do Parnaso !

FONTES SALUTARES

Nao te sabe a mézinha! Deus te ajude,
Galeno! E' que sou fonte de saúde!

S

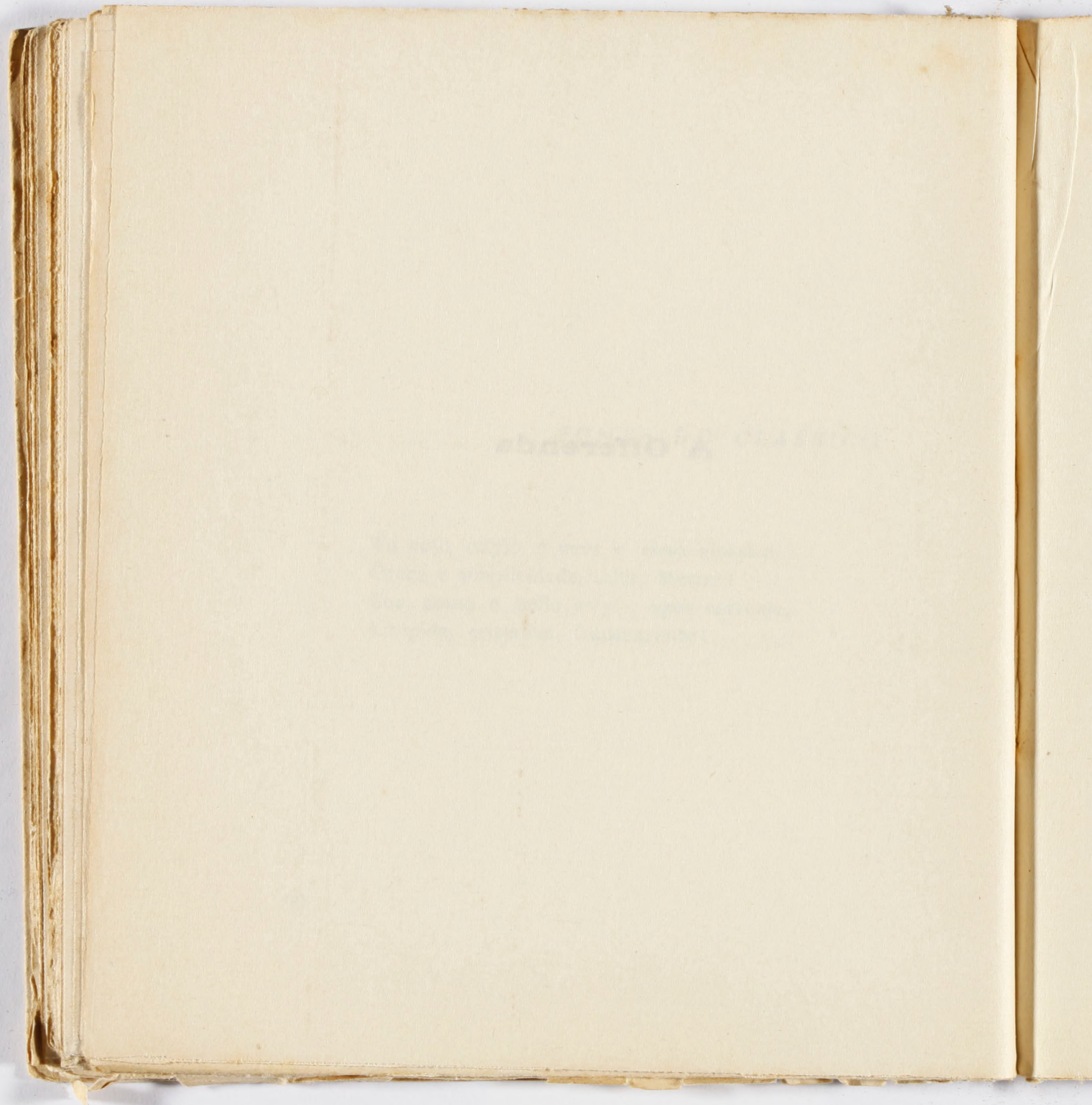
FONTE DO GRAMMATICO

Bebe um pouco, (ou, si queres, uma pouca !)
Desta lympa lustral! E fecha a bocca,
Não lhe entre sollecismo ou syllabada !
Pedagogos! philologos! Cambada !

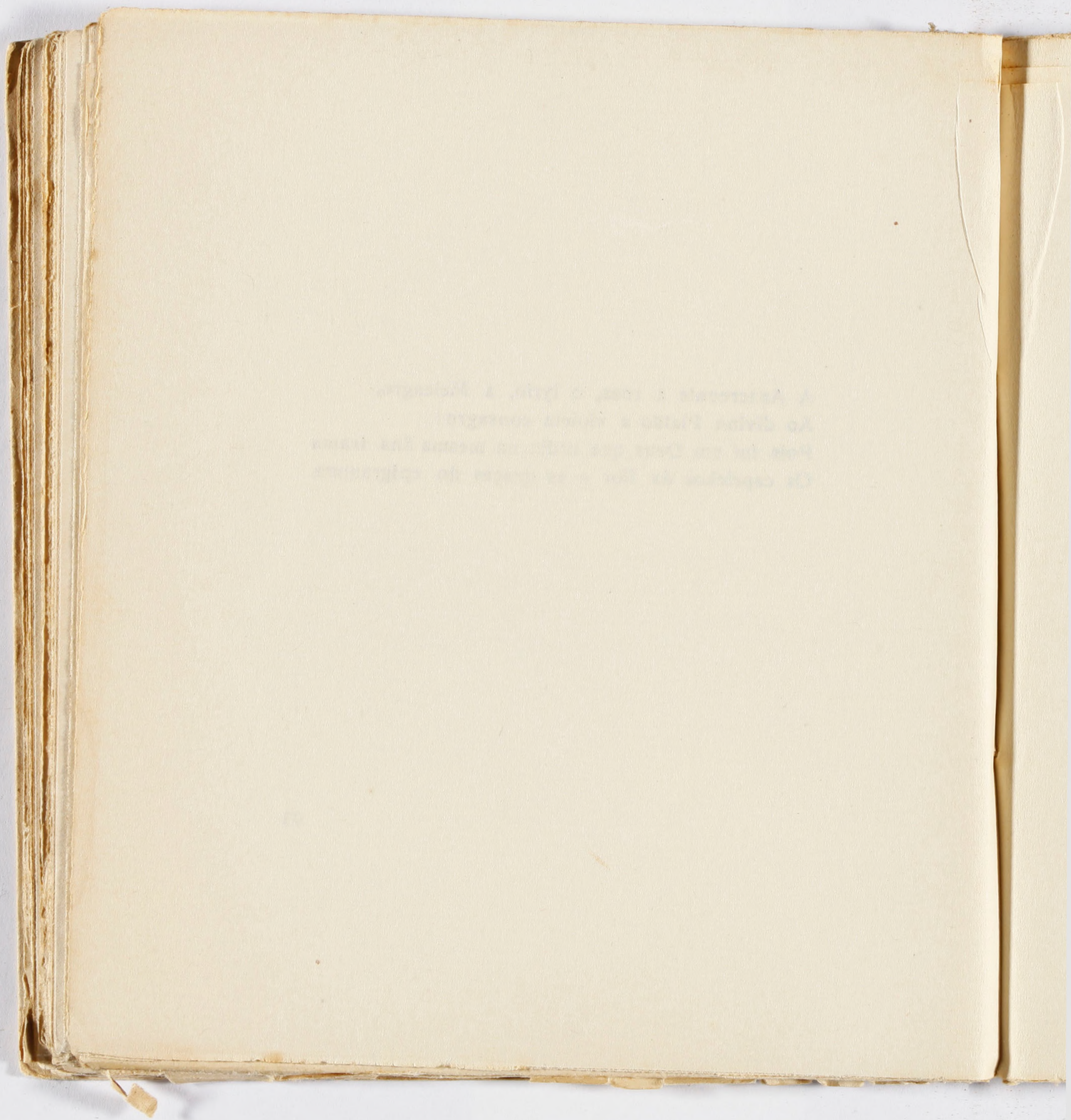
FONTE DO CLASSICO

Tu cujo estylo é neve e cimo alpestre,
Graça e simplicidade, salve, Mestre !
Sou como o bello estylo, agua corrente,
Limpida, cristalina, transparente !

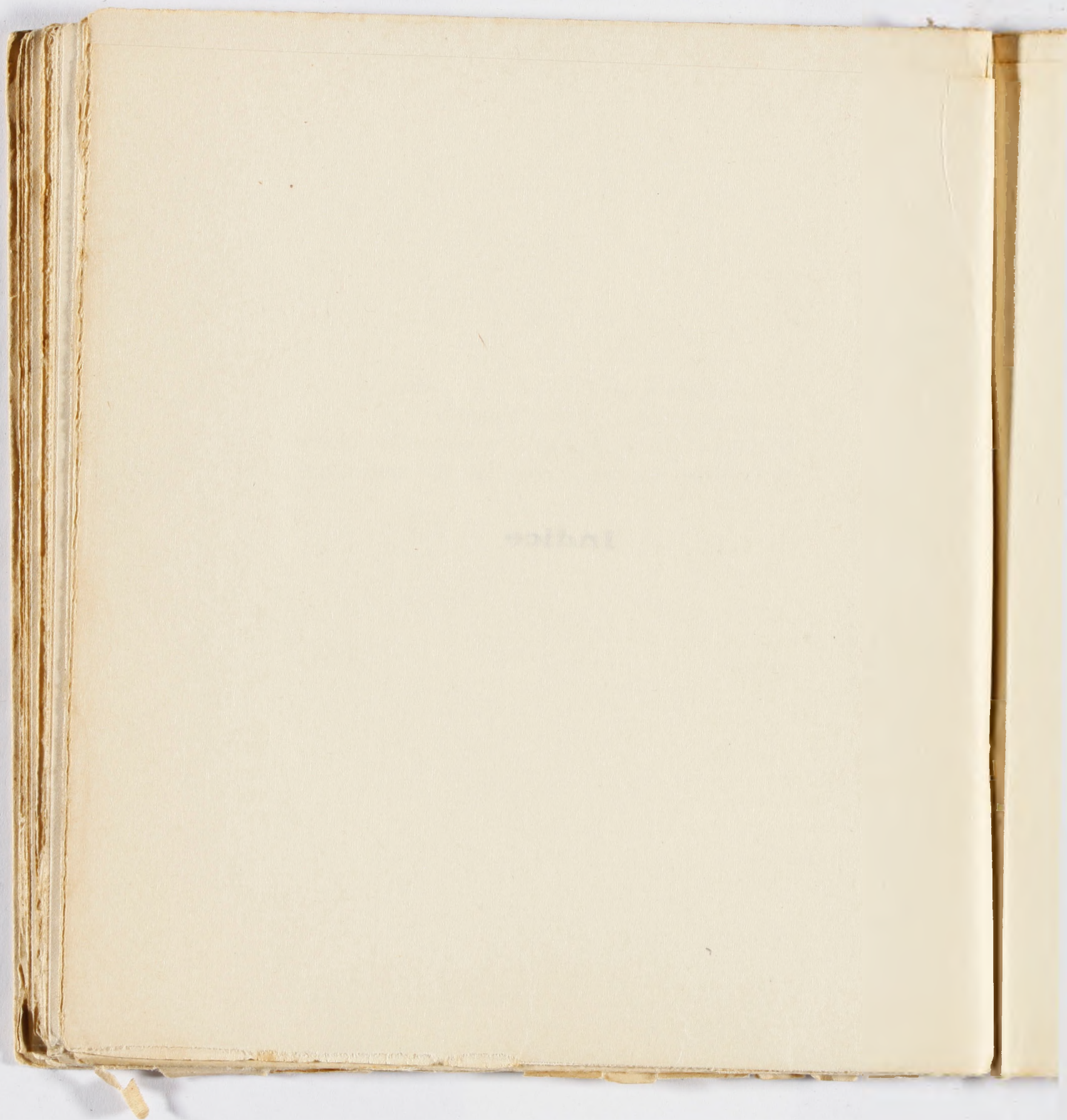
A Offerenda



A Anacreonte a rosa, o lyrio, a Meleagro,
Ao divino Platão a violeta consagro!
Pois foi um Deus que urdiu na mesma fina trama
Os caprichos da flor e as graças do epigramma.



Indice



Epigrammas

Mensagem	Pag. 7
Curso de declamação	» 8
A indecisa	» 8
O expurgo	» 9
O mestre	» 9
Pepe	» 10
O bom juiz	» 10
O gallo	» 11
Degenerescencia	» 12
A fama	» 12
Parnaso brasileiro	» 13
O cinema	» 13
O banquete	» 14
O candidato	» 14
O tempo é o presente	» 15
A vertigem	» 16
Onofre	» 17
Caturra	» 17
Modestia e vaidade	» 18
A um pamphletario	» 18
O poetastro	» 19
Panegyrico	» 19
O testemunho	» 20

Cicero	Pag. 20
O Demagogo	» 21
Helio	» 21
Octavio	» 22
Resposta a um mercieiro	» 22
O attentado	» 23
Epitaphio	» 23
Duces I	» 24
II	» 25
III	» 25
O fumante	» 26
Um dos taes	» 27
A sentença	» 27
O Critico.	» 28
Mathias	» 28
O milagre	» 29
Martialis.	» 29
A denuncia	» 30
Folha corrida.	» 31
Aulogelio.	» 31
Discordancias.	» 32
Profissional Beauty	» 32
Barretada	» 33
G. A.	» 33
O censor	» 34

	O mentiroso	Pag.	34
	Prometheu	»	35
	O presente	»	35
	O conselho	»	36
	In memoriam.	»	37
	Antinômias	»	37
	O negaceiro	»	38
	Solus eris	»	38
	O pária	»	39
	Mal de origem	»	39
	Jettatura.	»	40
	Alzira	»	41
	Porfirio	»	41
	A A. M.	»	42
	A cilada.	»	43
	Sorte no jogo.	»	43
	Sylvaninha	»	44
	O cruzado I	»	45
	II	»	46
	III	»	46
	Thomé	»	47
	Um almofadinha	»	47
	Ambição.	»	48
	Cave Canem	»	48
	Brasileira, patricia	»	49

Congedo	Pag. 50
O panico	» 51
Vergonha	» 52
Carlos	» 53
O epigramma	» 53
Da anthologia grega	» 54
A pudica	» 55
O millionario	» 55
Osorio	» 56
A farpa	» 56
Aquarella	» 57
Sobre um tumulo	» 58
Profissão de fé	» 58
O segredo	» 59
Missa de 7.º dia	» 59
Candida	» 60
O equivoco	» 60
Caridade	» 61
Nacionalismo	» 62
O patriota	» 63
A S. R.	» 64
Importancia	» 65
Preferencias	» 65
Aretino	» 66
Orgulho	» 66

A sirigaita	Pag.	67
O defelto	"	68
Lar feliz	"	68
O amphytrião	"	69
A beata	"	69
Contra certo escriba	"	70

As fontes do Prefeito

Fonte perenne de belleza é a vida	"	73
Pára ! Um momento deixa esse ar absorto	"	74
Como o suor te escorre pela testa	"	75
Caspite ! A areia queima como brasa !	"	76
Ouve o que diz a fonte á Beira-Mar	"	77
Que canceira ! Que vida !—E que madraço	"	78
Comadres ! É beber-lhe e andar ! Com a bréca	"	79
Alto ! Attende ! Entre as arvores escuras	"	80
Não aqui ! Não aqui ! Cuidado ! Ha risco	"	81
Mysterio é a flor. que encanta e que inebria	"	82

Outras Fontes

Fonte do legista	"	85
Fonte do frade	"	86
Fonte do poeta	"	87

Fontes salutare	Pag.	88
Fonte do grammatico	»	89
Fonte do classico.	«	90

A Offerenda

A Anacreonte a rosa, o lirio, a Meleagro !	»	93
--	---	----

3
3
3
3

Acabou de imprimir-se este livro
em 5 de Maio de Mil Nove-
centos e Vinte e Quatro
nas officinas da Editora
Brasileira "Lux", do
Rio de Janeiro,
para Edições
P A N

